

Abandono chega a 15% das escolas

LARISSA MEIRA

DA EQUIPE DO CORREIO

No próximo dia 12, 454 mil crianças do Distrito Federal voltam às aulas na rede pública de ensino. O início do novo ano letivo representa, porém, o retorno a velhos problemas de infra-estrutura. Em pelo menos 15,5% das 645 escolas públicas, os alunos encontrarão um cenário desolador. Janelas quebradas, infiltração em paredes e tetos, salas alagadas, carteiras destruídas e banheiros sem porta ou descarga.

Pelos cálculos da Secretaria de Educação, apenas 10% das unidades passarão por reformas em 2004. Para receber os alunos, somente 60 escolas terão reparos de manutenção. "As reformas estão incluídas no orçamento, mas não há verba para iniciar agora. As obras ocorrerão ao longo do ano. Por hora, vamos limpar, pintar algumas escolas e trocar bens destruídos", explica a secretária de Educação, Maristela de Melo Neves.

O Correio visitou 15 escolas em situação precária para o ensino. Em Samambaia, Taguatinga, Recanto das Emas, Ceilândia, Planaltina e Plano Piloto, elas vão começar o ano letivo em recuperação: as condições das salas de aula, dos portões de acesso, das áreas para estudo, higiene e recreação mostram que uma parcela significativa da rede pública de ensino funciona em péssimo estado.

No condomínio Mestre D'Armas, Planaltina, os problemas começam na porta das salas de aula. Em quase todas, a maçaneta é substituída por um arame enrolado. De madeirite, a escola funciona como o Anexo — assim ela é conhecida na comunidade — do Centro de Ensino Fundamental Estância 3. Tábuas corroidas em portas e paredes, merendas feitas em fogão enferrujado. O mau cheiro toma conta dos banheiros, com pias e descargas quebradas. "Isso aqui precisava ser desativado. Com uma estrutura tão frágil, somos alvo de assaltos freqüentemente", relata o vigia da escola, Paulo Tadeu Ferreira.

Para receber os 315 alunos, a escola fará uma limpeza e ornamentação com desenhos e mensagens de boas-vindas. "Queria que tivesse parquinho e biblioteca", pede a pequena Cíntia de Abreu Santana, 9 anos que sonha ser escritora. A mãe, Patrícia Matias de Abreu, 26 anos, se preocupa. "Se acontecer um tiro por perto, as balas passam fácil pelas paredes de madeirite."

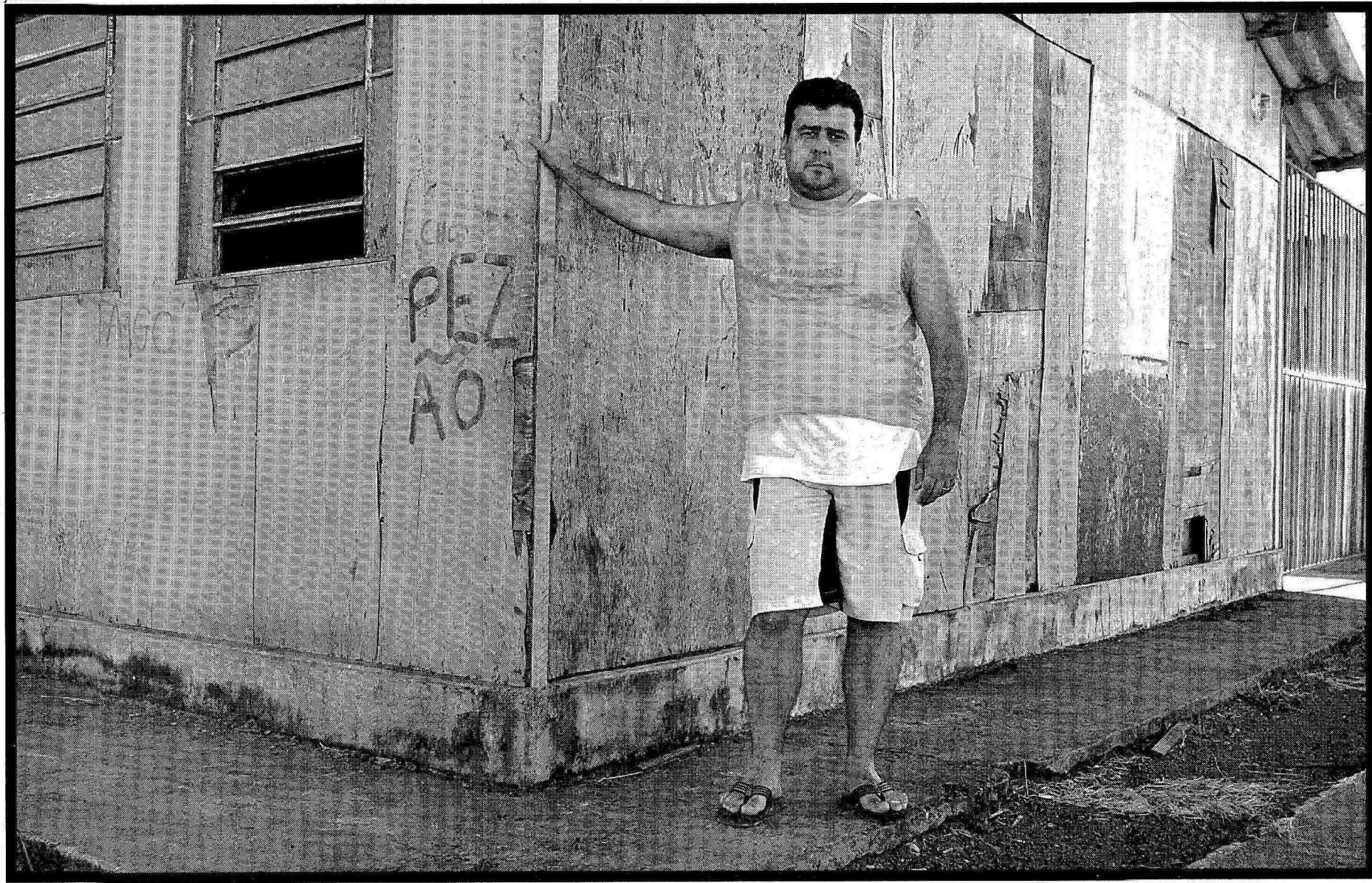
Brinquedo perigoso

Perto dali, a Escola Classe Santos Dumont, próximo ao Vale do Amanhecer, apresenta condições semelhantes. Na entrada do colégio de ensino fundamental, folhas e móveis velhos — destinados à recuperação pela Secretaria de Educação — se misturam ao que restou do parquinho. "A gente desativou os brinquedos, depois que um menino se machucou no ferro do escorregador", conta o assistente da escola, Ailton Fernando de Oliveira, 29 anos. O rapaz revela que, em 2000, um vento forte derrubou parte das salas, de madeirite, e causou ferimentos em alunos.

A escola tem azulejos soltos, encanamento quebrado, banheiros sem porta, vidros estilhaçados em janelas e cerca derrubada. Até o dia 12, os problemas terão pequenos reparos, graças a uma parceria entre a comunidade e a direção da unidade. O próprio diretor, César Silva, vai pintar salas, consertar cadeiras quebradas e arrumar a rede de água e esgoto.

"Não sei se teremos verba. Vamos agir sem depender tanto dos governantes. Alguns pais e professores também ajudam. É o melhor que podemos fazer para receber as crianças", conta César. De bermuda e protegido com um saco de lixo para evitar tinta sobre a roupa, ele trabalha 8h30 por

José Varella



PROTEGIDO COM UM SACO DE LIXO SOBRE A CAMISA, O DIRETOR DA ESCOLA CLASSE SANTOS DUMONT, CÉSAR SILVA, VAI PINTAR AS PAREDES E CONSERTAR AS CADEIRAS POR CONTA PRÓPRIA: "É O QUE PODEMOS FAZER"

EM RECUPERAÇÃO

Kleber Lima



Escola de Lata no Recanto das Emas

O antigo Centro de Ensino Fundamental 115 é uma construção em ruínas. Alunos foram transferidos para escola na quadra 113

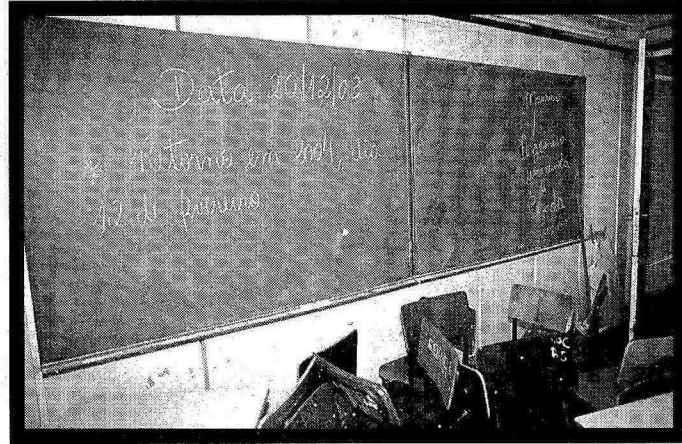
José Varella



Escola Classe 404 de Samambaia

Conhecida como o local onde vota o governador Joaquim Roriz, a escola precisa de conserto de móveis, pintura e limpeza geral

Kleber Lima



Escola Classe 49 na QNL-17/19 Taguatinga.

O colégio parou no tempo. A última inscrição no quadro negro é de 20 de dezembro. Cadeiras estão desorganizadas na sala de aula

Kleber Lima



Escola Classe 425 de Samambaia

Pichação é um problema comum nas escolas de Samambaia. Maior preocupação de pais e professores é com a estrutura

Na companhia dos cupins

Quando recomencem as aulas, os alunos da Escola Classe 501, em Samambaia, conviverão com *colegas* indesejados: os cupins. Feito de pedaços largos de madeira, que lembram troncos de árvores uma ao lado da outra, o colégio sofre com a ação dos insetos ao longo dos anos. Ele foi inaugurado em 1990, de forma provisória, na cidade recém-criada. "Nossa estrutura é bem temporária, mas acho que a nova escola será construída este ano", estima o diretor, Cristiano Sena.

Os cupins destroem lentamente portas e paredes, o que facilita a entrada de água da chuva e alaga salas. "É uma pena, porque os professores são excelentes. O que mais me preocupa é a caixa d'água sustentada por pedaços de pau. Pode cair e machucar minha filha", teme a dona-de-casa Célia da Silva Gonçalves, 31 anos.

O mesmo cenário será encontrado pelos estudantes da Escola Classe 325. De acordo com a Regional de Ensino, as duas unidades estão na lista de reconstrução da secretaria. "Só não sei quando, mas é prioridade para a pasta reconstruir as escolas este ano", afirma a gerente de Ensino, Maria da Graça Sampaio.

Na escola onde vota o governador Joaquim Roriz, os alunos correm o risco de não encontrar carteiras. A direção do Centro de Ensino Fundamental 404, também em Samambaia, ainda espera a troca dos móveis destruídos durante o ano letivo. Além de janelas quebradas e paredes sujas, há carteiras sem encosto e sem braço. "Vamos fazer uma limpeza e alguns reparos na parte hidráulica esta semana", adianta o diretor Lauro César Pereira. Graça Sampaio afirmou que o CEF 404 receberá reparos nesta semana e terá as carteiras trocadas.

dia, há duas semanas.

Os funcionários do Centro de Ensino Fundamental 20, na Ceilândia, fazem o mesmo. Limpam janelas, arrumam salas na escola, que tem problemas de infiltração e pichação. "Até vendemos camisetas na comunidade para conseguir recursos para os reparos", revela a diretora Mirian Souza.

Piolho de pombo

No Gama, o teto das salas do Centro de Ensino Fundamental 3 permanece sem forro e serve de abrigo para pombos, que em novembro entraram pelas frestas entre a telha e o forro. Infectados de piolho, eles provocaram alergia nas crianças. A direção retirou o forro nas salas, mas deixou na biblioteca. As aves ainda utilizam o espa-

ço para se abrigar e invadem o espaço das crianças.

"Tem previsão para trocar tudo, mas as aulas começam dia 12 e até agora nada. O pior é que o sol bate direto na telha e esquentada demais. O calor fica insuportável", conta o porteiro do CEF 3, Cícero Manuel dos Santos. O muro ameaça desabar. A água da chuva acumulada no terreno ao lado está vazando para o colégio. "Qualquer dia, isso cai em cima das crianças", alerta o porteiro.

servar os pombos", justifica. Dicemar afirma que ainda esta semana, será escoada a água acumulada no terreno ao lado.

Sem professores

Mais resistentes, as unidades do Plano Piloto receberão os alunos com outro problema comum no ensino público, a falta de professores. "Temos três professores de atestado médico e uma grávida, que terá licença. Acho que vamos recorrer a servidores excedentes de outras escolas", planeja a diretora Alessandra Loureiro, da Escola Classe 312 Norte.

Para o Sindicato dos Professores, o déficit é resultado da falta de incentivos. "Não existe mais professor interessado em entrar para a Fundação Educacional.

Além disso, trabalha em péssimas condições. Às vezes, tira dinheiro do próprio bolso para comprar material básico. Na rede privada, ele ganha muito melhor e é incentivado", acusa a diretora de organização do Sinpro, Maria José Correia.

No início do ano, a Secretaria de Educação gasta R\$ 3 milhões com 60 escolas, em reparos como troca de lâmpadas, recuperação de carteiras e pintura. A falta de professores é suprida com contratos temporários, que já respondem a 30% do quadro docente. A secretária de Educação, Maristela Neves, diz que o problema ultrapassa os limites da escola. "As universidades não formam pessoas em quantidade suficiente para a rede pública de ensino."